

O ESPÍRITO E O ESTILO DE VIRGÍLIO (BUCÓLICAS)

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (ABRAFIL e UERJ)

marciomoitinha@hotmail.com

Daniel de Assis Soares (UERJ)

das.brasil@yahoo.com.br

RESUMO

Propomos, *in primo loco*, apresentar ao público três fragmentos de poemas, extraídos das Bucólicas, de Virgílio, que foram muito bem selecionados à prova de ingresso, no mestrado, em latim, na UFRJ, na década de 90. Focalizados os poemas, faremos a tradução *ad litteram* deles, a partir dos quais, teceremos comentários linguísticos e estilísticos das passagens mais pertinentes do poeta mantuano, supracitado. Tendo por base os textos aos quais nos referimos, retrataremos também o espírito de Virgílio, isto é, quem foi este poeta? Como ele deixa transparecer a sua índole? Como deveria ter sido o seu louvável caráter? Trata-se de um trabalho acadêmico *sui generis*, visto que não conhecemos labor filológico igual, neste sentido, acerca de um estudo da personalidade de Virgílio, através dos poemas que serão retratados e comentados, no minicurso.

Palavras-chave:

Bucólicas, Estilo de Virgílio, estilística latina.

Propomos, *in primo loco*, apresentar ao público, neste minicurso, três fragmentos de poemas, extraídos da primeira, da quarta e da décima *Bucólicas*, de Virgílio, que foram muito bem selecionados à prova de ingresso, no Mestrado, em latim, na UFRJ, na década de 90. Focalizados os fragmentos dos poemas, faremos a tradução *ad litteram* deles, a partir dos quais, teceremos comentários estilísticos das passagens mais pertinentes do poeta mantuano. Tendo por base os textos aos quais nos referimos, retrataremos também o espírito de Virgílio, isto é, quem foi este poeta? Como ele deixa transparecer a sua índole? Como deveria ter sido o seu louvável caráter? Trata-se de um trabalho acadêmico *sui generis*, visto que não conhecemos um estudo filológico similar, acerca de um estudo da personalidade de Virgílio, através dos poemas retratados, neste minicurso.

Apreciemos o trecho selecionado da primeira *Bucólica*:

MELIBOEVS

*At nos hinc alii sitientis ibimus Afros,
pars Scythiam et rapidum Cretae uenimus Oaxen 65
et penitus toto diuisos orbe Britannos.*

*En unquam patrios longo post tempore finis,
pauperis et tuguri congestum caespite culmen,*

*post aliquot, mea regna uident, mirabor aristas?
 Impius haec tam culta noualia miles habebit? 70
 Barbarus has segetes? En quo discordia ciuis
 produxit miseris! His nos consequimur agros!
 Inserere nunc, Meliboe, puros, pone ordine uitis!
 Ite meae, felix quondam pecus, ite, capellae:
 (Virg. Buc. I, 64-74)*

MELIBEU

“Mas, nós iremos, deste lugar, (uns) aos sequiosos (sedentos) africanos,
 uma parte (de nós irá) para a Cítia e chegaremos ao rápido Oaxes de Creta 65
 e aos Bretões, divididos, inteiramente, por todo o orbe.
 Acaso, algum dia, depois de um longo tempo, (admirarei) as pátrias fronteiras (terras)
 e o teto da (minha) pobre choupana, coberto pela grama?
 E mais tarde, vendo os meus domínios, contemplarei as (minhas) espigas?
 Um ímpio soldado terá estes campos tão cultivados? 70
 O Bárbaro (terá) estas terras semeadas? Eis para onde a discórdia
 levou míseros cidadãos ! Para estes, nós semeamos os campos!
 Inserere, agora, ó Melibeu, as pereiras, põe, em ordem, as videiras!
 Ide, ó minhas cabrinhas, feliz rebanho, outrora, ide!”

O foco da primeira Bucólica diz respeito à questão da desapropriação das terras, como já podemos atestar na fala inicial do pastor Melibeu que, também, está sendo expulso de suas terras pátrias. Nos versos 64 a 66, afirma o pastor supracitado que cada desterrado vai para um lugar: uns vão à África, outros à Cítia, uma parte a Creta e outra, à Bretanha. Melibeu faz eco à voz de Virgílio que também perdeu as suas terras paternas para os ímpios soldados romanos, mas, como sabemos, o poeta de Mântua recorreu a Otávio Augusto, que lhe devolveu os seus bens. Em outra passagem, outro pastor denominado Títiro, que dialoga com Melibeu, nos diz: Deus fecit nobis haec otia “um Deus fez para nós estes ócios”, passagem na qual há a alusão política e o sincero agradecimento de Virgílio a Otávio, considerado ao poeta como um Deus. Na verdade, Melibeu e Títiro são as vozes do próprio Virgílio, um quando perde as suas terras; o outro quando as reconquista.

Vale destacar que geralmente, em latim, não se usa o pronome pessoal, nos textos e nos poemas, mas no verso 64, está patente o pronome “nos” visto que Melibeu também é pastor e se insere, infelizmente, neste lamentável contexto de desterro.

O uso da adjetivação é muito frequente, em Virgílio, tal uso retrata muito bem a plasticidade descritiva das imagens, das ações e dos acontecimentos.

tecimentos, descritos com vivacidade pelo poeta. Observemos, nos primeiros versos o uso da adjetivação, que dá à luz esta plasticidade descritiva: “africanos sedentos”. Na visão dos romanos, todos os africanos passavam sede e muito calor, trata-se de um exemplo de sinédoque na qual o todo é tomado como parte, configuram-se outros exemplos desta plasticidade descritiva: “rápido Oaxes” e “Bretões divididos”.

A partir dos versos 67 a 70, Virgílio engendra interrogações retóricas, que nos sugerem reflexões: o pastor, depois do exílio e de um longo tempo, não terá direito a voltar para ver as suas amadas terras nas quais nasceu, viveu, morou e trabalhou? No verso 69, o poeta considera o pastor, dono de suas terras, o detentor de seu “reino”, como um rei que se apossa de suas terras: “*mea regna uidens* (“vendo os meus reinos”), quiçá não há, nesta passagem, um tom irônico de Virgílio, haja vista que o pastor não possui mais esses “reinos”, ironia reforçada pelo pronome possessivo “*mea*”, antecipado ao substantivo “*regna*”, que geralmente não ocorre tal uso, nesta posição. A choupana pertence ao pastor, as espigas foram plantadas pelo pastor, os campos foram cultivados pelo pastor, mas os ímpios soldados se apossaram de tudo – notem mais uma vez a ironia do poeta, que coloca no singular o “*impus miles*”, na verdade foram vários, daí Virgílio os coloca, como Bárbaros, que desterram seus próprios cidadãos, agora, miseráveis pastores! O verso 72 corrobora estes lamentáveis acontecimentos mais uma vez com ironia, na presença inicial do pronome “*his*”: *His nos consequimus agros!* (“Para estes, nós semeamos os campos!”).

Notemos, também, que os sentimentos de Virgílio estão muito bem representados pela pontuação, sobretudo, pelo uso do ponto de exclamação, que representa um desabafo do poeta pelos lamentáveis acontecimentos!

No penúltimo verso, cf. v. 73, o pastor, em seus últimos momentos de labor, certamente, triste e já com sentimento de exilado, se sente desvairado, insano e, mesmo assim, ordena para ele mesmo o que deve ser feito, em seu ofício, mas não podemos deixar de destacar que a ironia mordaz se faz patente também, neste verso, porque tudo o que foi feito pelo pastor, na verdade, será colhido pelo invasor: *Inserere nunc, Meliboeae, puros, pone ordine uitis!* (“Inserere, agora, ó Melibeu, as pereiras, põe, em ordem, as videiras!”).

O último verso virgiliano nos remete e nos lembra do Arcadismo no qual os elementos da natureza, mormente, os animais estão em sinto-

nia com os sentimentos do pastor: o rebanho já foi feliz, ledo, outrora; agora, até as cabritinhas já sabem o que aconteceu, o que está acontecendo e o que haverá de vir: *Ite meae, felix quondam pecus, ite, capellae*: (“Ide, ó minhas cabrinhas, feliz rebanho, outrora, ide!”).

Os últimos versos da primeira *Bucólica*, que se seguem, mas que não foram destacados, neste trabalho, são de uma lamentação do pastor Melibeu, muito tocante acerca de suas últimas ações, em seu ofício; Títiro, por sua vez que não irá embora, oferece um cantinho para Melibeu dormir e repousar mais esta noite, antes de sua partida, há verde folhagem, há frutos maduros, há abundância de leite, tais ações de Títiro nos sugerem um sentimento de Virgílio em querer compartilhar coisas boas, em ser solidário com o próximo, nos momentos de vicissitudes da vida.

Na primeira *Bucólica*, também destacamos uma passagem da fala do pastor Melibeu, que representa muito bem esta alma, este espírito Virgiliano:

MELIBOEVS

*Non equidem inuideo, miror magis: undique totis
usque adeo turbatur agris!*

“Na verdade (eu) não (te) invejo, (eu) (te) admiro mais: por todos os lados, por todos os campos, a tal ponto reina-se a confusão!”

Podemos perceber que Melibeu, mesmo sendo desterrado, não inveja o amigo pastor Títiro. A passagem selecionada certamente aponta, representa e atesta o caráter notório de Virgílio: não invejar o outro, mas admirar-se do outro. Nela, também se retrata muito bem e, mais uma vez, a alusão política da desapropriação das terras e do ambiente de confusão e de tristeza dos habitantes da terra, sobretudo dos pastores, tudo causado pela invasão e pela ocupação das terras pelos veteranos das guerras civis.

Passemos, agora, à análise de alguns fragmentos da quarta *Bucólica*, que outrora foram versos selecionados para concurso, na área de latim:

*Hinc, ubi iam firmata uirum te fecerit aetas,
cedet et ipse mari uector, nec nautica pinus
mutabit merces; omnis feret omnia tellus.
Non rastros patietur humus, non uinea falcem; 40
robustus quoque iam tauris iuga soluet arator;
nec uarios discet mentiri lana colores,
ipse sed in pratis aries iam suaue rubenti
murice, iam croceo mutabit uellera luto;
sponte sua sandyx pascentis uestiet agnos. 45*

*“Talia saecla” suis dixerunt “currite” fuis
concordes stabili fatorum numine Parcae!
(Virg. Buc. IV, 37-47)*

“Deste lugar, quando a idade já fortalecida tiver feito de ti um homem,
e até o próprio navegante se retirará do mar, nem o náutico pinheiro
mudará as mercadorias; toda a terra produzirá todas as coisas.
O solo não suportará (mais) os ancinhos, nem a vinha (tolerará) a foice; 40
Outrossim, o robusto lavrador soltará já os jugos aos touros;
nem a lã aprenderá (mais) a fingir as várias cores,
mas o próprio carneiro, nos prados, mudará os (seus) velos
ora pelo vermelho, suavemente, de púrpura, ora pelo amarelo cróceo (de ouro);
por sua espontânea vontade, o escarlate vestirá os cordeiros, que pastam. 45
“Correi! tais séculos” – disseram as Parcas concordando aos seus fusos
com a vontade inalterável (imutável) dos fados (dos destinos)!”

Para alguns, a quarta *Bucólica* é vista como messiânica, com o a volta à idade de ouro, a volta ao paraíso, no momento em que o jovem atingir a idade madura – talvez, o filho de Polião –, cf. v. 37, haverá paz e harmonia, não haverá mais necessidade de árduo trabalho, tudo acontecerá com facilidade, o navegante não precisará mais se esforçar, a nau não precisará de mercadorias, toda a terra produzirá tudo, sem esforço, o solo não precisará ser preparado, nem os ancinhos estarão mais presentes, muito menos a foice! Não será mais necessário colocar os jugos, nos touros, a lã não será mais tingida, o próprio carneiro terá cores variadas, e os cordeiros serão tingidos de cor escarlate, a cor de púrpura real. Todos estão acontecimentos hão de vir: *Hinc, ubi iam firmata uirum te fecerit aetas* (“Deste lugar, quando a idade já fortalecida tiver feito de ti um homem, (...)”).

Para contextualizar o escopo desta quarta *Bucólica*, vale ressaltar que a alusão política está bem patente, nos versos iniciais, nos quais Virgílio se dirige ao cônsul Polião para cantar versos um pouco maiores, dignos de um cônsul:

*Sicelides Musae, paulo maiora canamus:
non omnis arbusta iuuant humilesque myricae:
si canimus siluas, siluae sint consule dignae.
(Virg. Buc. IV, 1 - 3)*

“Ó Musas da Sicília, cantemos coisas um pouco maiores;
os arbustos e as humildes tamargueiras não agradam a todos:
se cantamos as selvas, (que) as selvas sejam dignas de um cônsul.”

¹ “Fiai, correi fiando tais séculos”.

As musas da Sicília nos remetem à terra natal do criador da poesia bucólica: Teócrito siracusano. Para nós, Virgílio deseja colocar a poesia bucólica, na qual há as *silvae* (“selvas”), os arbustos e as tamargueiras, no mesmo patamar da poesia épica para exaltar não só Polião, cônsul da época de Virgílio, como também a época de paz e de esperança na qual Roma estava envolvida e podemos corroborar bem a nossa afirmação, nos versos selecionados, anteriormente.

Quanto aos comentários estilísticos mais pertinentes e relevantes, destacamos, no verso 38, o uso da sinédoque e da personificação em, *ne nautica pinus mutabit merces* (“nem o náutico pinheiro mudará as mercadorias”), isto é, o pinheiro náutico é a nau, o navio, visto que o poeta precisava de mais palavras para fechar o pé do hexâmetro dactílico de modo que se valem deste recurso estilístico.

No verso 39, configura-se a sonoridade, no uso das assonâncias, das aliterações e na repetição do adjetivo *omnis*, em casos diferentes: *omnis feret omnia tellus* (“toda a terra produzirá todas as coisas”). Estes recursos sonoros e poéticos nos sugerem algo de bom, que se sucede, por um longo tempo, sobretudo representado pelas vogais longas em *ōmnis*, *ōmnia* e *tēllus*.

Destacamos, no verso 41, o uso da hipálage: *robustus quoque iam tauris iuga soluet arato* (“Outrossim, o robusto lavrador soltará já os jugos aos touros”).

O verso destacado, deveria estar, em latim assim: *robustus quoque iam taurorum iuga soluet arator* (“outrossim, o robusto lavrador soltará já os touros dos jugos (...)”).

Mas, se, no verso acima, houvesse o g. pl. *taurorum* ao invés de *tauris*, não seria possível configurar-se o hexâmetro dactílico, utilizado nas *Bucólicas*.

Nos versos 46 e 47, as Parcas também denominadas Moiras: Cloto, Láquesis e Átropos são mencionadas por serem responsáveis pelo Destino dos homens, elas, como sabemos, presidiam à vida dos mortais, desde que estes nasciam.

João Pedro Mendes, em sua tese, *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*, nos retrata muito bem a função de cada uma delas:

Cloto fiava o fio da vida, Láquesis estabelecia a sorte e a forma da vida de cada homem, e Atropos cortava o fio. A primeira assistia ao parto, a segunda ao curso da vida, e a terceira à morte. (MENDES)

Enfim, passemos a análise dos versos 44 a 54 da décima *Bucólica*:

*Nunc insanus amor duri me Martis in armis
tela inter media atque aduersos detinet hostis. 45
Tu procul a patria (nec sit mihi credere tantum!)
Alpinas, ah, dura, niues et frigora Rheni
me sine sola vides. Ah! te ne frigora laedant!
Ah! tibi ne teneras glacies secet aspera plantas!
Ibo et chalcidico quae sunt mihi condita uersu 50
carmina pastoris Siculi modulabor auena.
Certum est in siluis, inter spelaea ferarum
malle pati, tenerisque meos incidere amores
arboribus: crescent illae; crescetis, amores.
(Virg. Buc. X, 44-54)*

“Agora, um insano amor me detém nas armas do duro Marte
entre os dardos médios² e (entre) os aduersos hostis (inimigos). 45
Tu, longe da pátria, (nem seja para mim crer tanto!³)
(tu) vês sozinha sem mim – ah dura (cruel)! – as neves Alpinas e os frios⁴ do Reno.
Ah! que os frios não te lesem!
Ah! (que) o áspero gelo não corte as plantas tenras a ti⁵!
Irei e cantarei no canção (na flauta) do pastor Siciliano os *carmina* 50
que para mim foram compostos, em verso Calcídico.
É certo, nas selvas entre os covis das feras,
querer sofrer, e gravar os meus amores, nas tenras
árvores: elas crescerão, (vós), amores (meus), cresceréis.”

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) selecionou muitos bem estes belíssimos versos para que o candidato, na prova de ingresso ao mestrado, em latim, pudesse tecer análises estilísticas pertinentes com comentários literários sobretudo dos últimos acontecimentos, em Roma, e do perfil e do espírito de Virgílio. Mas, perguntemo-nos, antes, do que se trata a derradeira bucólica? Então, contextualizemos.

O poeta promete que, com o auxílio da ninfa Aretusa, fará o último esforço para elaborar versos ao seu amigo Cornélio Galo. Trata-se

² Podemos inferir também “em meio aos dardos”.

³ Dativo de posse (“que eu não tenha de acreditar em coisas tão ruins!”)

⁴ Alguns autores entendem *frigora* por “neblinas”, mas prefiro ser literal. Todas as traduções são de minha autoria, sem cópias, sem plágios!

⁵ São as plantas delicadas dos pés da amada. Trata-se de uma passagem metafórica!

Irei e cantarei **no caniço** (na flauta) do pastor Siciliano os *carmina* 50
que para mim foram compostos, em verso Calcídico.

Nos versos finais, do 52 ao 54, Galo está decidido que prefere: 1º.) sofrer nas selvas entre os covis das feras; 2º) e gravar o nome da amada, nas tenras árvores, costume muito comum, até hoje, no interior: o amado, o apaixonado escreve o nome de sua amada, nas cascas das árvores, assim quando as árvores crescerem, também crescerão os amores do poeta e os nomes inseridos, nestas árvores. “Tenras” também são as amadas de modo que se configura outro exemplo de hipálage.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CITRONI, M. *et al. Literatura da Roma Antiga*. Lisboa: F.C.Gulbenkian, 2006.

LUCRÉCIO. *De Rerum Natura*. Disponível em: [http://www.revistadelau-
niversidad-Historico.unam.mx/historico/10222.pdf](http://www.revistadelau-
niversidad-Historico.unam.mx/historico/10222.pdf).

ROCHA PEREIRA, Maria Helena. *Literatura da Roma Antiga*. Lisboa: F.C.Gulbenkian, 2006.

GRIMAL, Pierre. *A história de Roma*. Trad. de Maria Leonor Loureiro. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

NOVAK, Maria da Glória. Estoicismo e epicurismo em Roma. In: *Letras Clássicas*. São Paulo, USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, n. 3, p. 262. 1999.

MARTINS, Paulo. *Literatura Latina*. Curitiba: IDESDE, 2009.

MENDES, João Pedro. *Construção e arte das Bucólicas, de Virgílio*. Brasília: Universidade de Brasília. 1985.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *A poesia pastoril: As Bucólicas de Virgílio*. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

_____; SOARES, D. A. *Os aspectos estéticos de Odes de Horácio e Ricardo Reis*. In: *Anais do XXII CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA*, Cadernos do CNLF, Vol. XXII, n. 03. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2018.

PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira. *A expressão de amor nas Bucólicas de Virgílio*. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/human-itas09-10/01_Pulquerio.pdf.

SILVA, Hélio Ramos da. *O idílio XV de Teócrito: as siracusanas ou as mulheres que celebram Adônis*. Tese de mestrado (Mestrado em Estudos Clássicos) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa. 2011.